



## **RELATOS E MEMÓRIAS HOMOAFETIVAS: QUANDO O CORPO DECIDE O TOM, O TEMA E A URGÊNCIA A SER COMPARTILHADA**

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro (Professora/ Mestre em Educação pela UNEB)  
Magnaldo Oliveira dos Santos (Professor/ Escola das Águas)

Não se muda inteiramente em pouco tempo; eu ousaria até dizer sem medo de exagerar: não se muda totalmente nunca, ou melhor, estamos mudando sempre, mas não conseguimos apagar a história que nos constitui; somos o mesmo e o diferente, a cada momento e sempre ... e essa é a razão pela qual nos sentimos frustrados, diante da constatação de que a assimilação de uma metodologia “nova” não acontece, já que ela exige sempre “novas” atitudes, “novas” crenças da parte do professor. E é justamente porque é impossível mudar o outro que julgo importante construir com ele, professor como eu, momentos de reflexão, momentos em que, espontaneamente, ele possa falar de seus problemas, de suas ansiedades, de suas preocupações, sem que lhe seja dada nenhuma solução pronta (aliás, não existem soluções prontas a não ser que queiramos enganar o outro!): há sempre soluções possíveis para cada situação e cada um, em circunstâncias específicas, dadas as suas características pessoais, terá de encontrá-la, ainda que de forma provisória, jamais definitiva. (ECKERT-HOFF, 2008, p. 13).

### *1. Adentrando no assunto e conhecendo um pouco da história do componente curricular:*

A experiência a ser compartilhada na presente comunicação ocorreu no segundo semestre de 2012 com uma turma de formandos em pedagogia de uma IES soteropolitana.

O componente curricular Leitura e Produção de Textos, doravante LPT, costuma ser ministrado no primeiro semestre (início da graduação), mas, por um equívoco na alteração da matriz passou a ser alocado no sétimo e último semestre da formação inicial do referido curso. Sendo assim, este precisou se adequar as necessidades e expectativas dos (as) formandos (as) que revelavam muita apreensão e fragilidade no



que dizia respeito à elaboração e feitura do TC em forma de artigo, trabalho esse, em grande parte, responsável pela obtenção do título de pedagogo (a).

Quando indagado e investigado descobriu-se que o medo e a insegurança derivavam da deficiência e falta de hábito da leitura e, conseqüentemente, o exercício da escrita. Vale comentar, também, que esses (as) graduandos (as) não passaram por experiências no que diz respeito à iniciação científica, ficando obrigados (as), quase que exclusivamente, no final do trajeto acadêmico, a realizar leituras em quantidade antes não exercitadas e a produzir textos com a complexidade não antes exigida, inclusive precisando adequá-los a normas da ABNT, dentre outros aspectos. O quadro se agrava quando se dá menos que 90 dias para a entrega do mesmo.

Uma vez detectado todos esses problemas (re) elaborou-se a ementa e objetivos do componente curricular objetivando adequar ao novo perfil do (a) educando (a) não mais ao (a) calouro (a) com suas deficiências do ensino médio no que se refere à leitura e escrita, mas sim o (a) formando (a), o (a) concluinte que sem iniciação científica precisava “transformar-se” em leitor proficiente e escritor de textos acadêmicos, experiência essa se não para eles inédita, pelo menos pouco trabalhada, até o momento de conclusão do curso.

O componente se aproxima, então, da metodologia de pesquisa e passa a investir na (auto) formação e na (auto) biografia com a elaboração de um memorial de formação que proporcionasse a (re) visão do percurso formativo para “desaguar” em possíveis (re) elaborações e (re) feituas de si. Decidiu-se por tal tipo de trabalho por acreditar que este fosse o que melhor auxiliaria em processos de autoconhecimento e por visualizar o mesmo como recurso que concretiza o aumento da segurança, da autoestima, da credibilidade no potencial de cada um, sem esquecer-se de mencionar, também, que se trata de um tipo de educação que procura apostar, sempre, na condição ontológica do Ser Humano para ser mais.



A ideia era a de minimizar o “pânico de uma folha em branco” (MACHADO, ano, p.1), apostando e investindo na proposta apresentada por Kramer (2000) de: “Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais” que consiste dentre outros pontos em: “[...] pensar e sentir criticamente as coisas [...]” (KRAMER, 2000, p. 21).

O interessante e instigante da experiência aqui partilhada foi o fato de que o memorial, mesmo configurando-se como instrumento de avaliação, o que por si só já poderia trazer várias contradições e, também, por configurar-se como uma escrita de ordem institucional e, portanto, ter caráter de injunção (PASSEGGI, 2008), ainda assim, ele não perde o seu caráter de (auto) formador ou como preferem outros de “arte formadora da existência”, dentre outros aspectos que veremos logo abaixo.

### 3. Apontamentos referentes ao “formato” adotado – o memorial:

No contexto teórico-metodológico até então narrado, decide-se pelo “formato” memorial por não desconhecer as ricas potencialidades que tal “recurso” possui. Trata-se de narrativas autoreferenciais (PASSEGGI, 2008), de escritas de si (SOUZA, 2006).

O memorial será entendido aqui como dispositivo de e para a reflexão que quase sempre possibilita e favorece, até mesmo por suas dimensões formativas e sua potencialidade educativa, “transformações representacionais” (ABRAHÃO, 2008, p. 12), um modificar-se.

Severino (2001, p. 175 *apud* PASSEGGI, 2008, p. 33) o conceberá como:

Etimologicamente, o termo memorial (séc. XIV), do latim *memoriale*, is, designa “aquilo que faz lembrar”; O memorial é uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente **histórica** e **reflexiva**. Deve então ser composta sob a forma de um **relato histórico, analítico e crítico**, que dê conta dos fatos e acontecimentos que construíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma



informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 2001, p. 175 *apud* PASSEGGI, 2008, p. 33, *grifo nosso*).

Tal noção coaduna com Santos quando declara que “Todo conhecimento é autoconhecimento”. O sujeito-autor dispõe-se a indagar-se e a responder: O que há de memorável? É, essencialmente: “[...] uma escrita em que se guarda o que é digno de ser lembrado” (PASSEGGI, 2008, p.39), o que foi considerado pelo escrevente enquanto significativo, inclusive de ser publicizado.

Passeggi (2008, p. 27) falará sobre o “ato de tecer uma figura pública”. Trata-se, portanto, de um conhecimento e exposição de si, não perdendo a dimensão despertada da consciência de si mesmo em processo de mudança. Um (re) ver-se objetivando o (re) elaborar-se, quase sempre.

São escritos institucionais, pois são solicitados na e para a Academia, mas, ainda assim, não perde, nem diminui o seu caráter e potencial formativo, também no nível pessoal, ultrapassando o meramente profissional. Os autores de tais escritos tendem sempre a tornarem-se pessoas melhores após a feitura do mesmo, uma vez que tem a chance de se (re) ver e quiçá de se (re) fazer.

Indaga-se, obrigatoriamente: “que fatos foram formadores? O que esses fatos fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez?”. Josso (2004, p. 64) chamará tais episódios de Momentos Charneiras aqui entendidos como:

São aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida (JOSSO, 2004, p. 64).



Entende-se, então, que são versões, compreensões provisórias, incompletas. Enfim, uma “atual versão de si”. (Re) invenções de si, (re) invenções de nossas existencialidades, (re) visitadas e (re) contextualizadas.

O sujeito-autor, aqui contador, “transforma os fatos rememorados numa história”, organizando como melhor desejar os tempos e espaços formadores. Não há obrigatoriedade com o cronológico. A “arrumação” e exposição dos fatos faz sentido pela importância atribuída aos mesmos, considerando-os como formadores ou não. É o autor/contador quem decidirá (mesmo porque a história é da sua vida) o que, como, quando e porque contar, delineando, assim, aonde quer, deseja e pode chegar. Projeta-se para o futuro, através da memória do passado, incessantemente reconfigurada.

*4. Compartilhando o memorial: o que revela e o que silencia a “trama” tecida? Que cores e nuances são escolhidas para contar a história de X?*

A escrita selecionada para esse artigo e abaixo parcialmente reproduzida revela o caráter emancipador de tal instrumento e como a (auto) formação se delineia e concretiza com a educação como prática da liberdade como defendia Freire (1981).

Mesmo tendo caráter avaliativo de uma unidade e dela dependia a aprovação no componente curricular, o autor insiste em externar e compartilhar o que ele considera urgente e necessário, ainda que o conteúdo não correspondesse ao solicitado que era o de avaliar os sete semestres. X, como passará a ser chamado de agora por diante objetivando salvaguardar a sua identidade, insiste em narrar à história de sua sexualidade, a partir da sua percepção de homoafetivo, ou como prefere e utiliza Costa (2002, p. 22) homoeroticidade, com todas as angústias, (des) cobertas, alegrias e realizações de tornar-se o que se é! O memorial guarda, assim, fortes traços e características de um homotexto, tanto pela autoria homoafetiva quanto pela temática da homoafetividade ser a privilegiada.



Por homoafetividade entenderemos:

Relação de afetividade entre homossexuais, visto que o afeto é o fator mais relevante na atração que uma pessoa sente pelo mesmo sexo. Portanto, não se trata apenas de uma relação de cunho sexual, mas um vínculo criado pela afetividade, pelo carinho e pelo amor<sup>1</sup>.

Já homoeroticidade será compreendida como: “possibilidade que tem certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico” (COSTA, 2002, p. 22) ou: “uma possibilidade a mais que tem os indivíduos de se realizar afetiva e sexualmente (p. 73).

Quando devolvido o memorial e feitas às observações quanto ao não atendimento do solicitado e dado um tempo a mais para refeitura e adequação aos critérios de avaliação, o autor devolveu um segundo texto muito próximo ao primeiro, mantendo como tema central a homoafetividade como tema principal e as histórias derivadas de tal percepção. Um belo texto impregnado de busca e autorrealização do que se é efetivamente! Cheio de entrega e confiança no leitor, que a princípio era tão somente o responsável pela mediação com o componente curricular LPT.

Numa segunda leitura mais atenta e sensível notamos que etapas importantes da formação identitária do educando, em suas várias e múltiplas dimensões, bem como perdas de entes queridos, correspondem ao tempo que durou a formação inicial em pedagogia, implicando, em alguns momentos, em pensar na desistência dessa formação, tamanho foi o abalo sofrido nesses períodos. Sendo assim, inevitavelmente, as “duas” histórias, as de vida e as de formação, encontram-se intimamente entrelaçadas. Vale comentar que decidimos por manter o texto conforme apresentado no original, não alterando a escrita do autor do memorial, só suprimindo alguns trechos, que serão sinalizados por colchetes, por falta de espaço na comunicação ou desejando não

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/homoafetividade/>. Acesso em 20 abril 2013.



comprometer as pessoas envolvidas. Pelo mesmo motivo optou-se por alterar os nomes dos que são trazidos à cena enunciativa Conhecemos, então, um pouco mais detidamente a história de X:

[...] Minha vida como nunca vista...

Este memorial retrata as minhas vivências e tem como objetivo resgatar o **meu lado pessoal** nunca exposto desta forma, meu pequeno baú de memórias. Enfim, registrarei **minha vida acadêmica**, trazendo sempre à tona como ocorreu meu processo de aprendizagem do começo até o semestre final do curso acadêmico. Tentarei relatar toda essência que o momento requer, notadamente por ser essa uma oportunidade de relatar encontros e desencontros, de se auto-escrever, de se narrar como **autor de si**.

Bom, quando entrei na faculdade precisava me libertar dos meus “fantasmas” Precisava de algo que pudesse me dar liberdade, naquele momento precisa saber o que era o mundo, foi onde pude abrir meus horizontes e perceber que o **meu mundinho** já não existia mais. No meu primeiro semestre conheci Y, onde transformou todos os meus planos, me ensinou coisas que nunca imaginei passar, **com ele descobri o sexo**, as drogas, o **mundo “sujo” que é o mundo gay**. Considero-o como meu primeiro namorado. Estava cansado de tanta badalação e de deixar meus pais estressados, então resolvi terminar. Terminamos e ficamos amigos, ou melhor, melhores amigos. Estávamos quase todos os finais de semana juntos. Sempre a noite tinha algo muito interessante para fazer, com isso faltava muitas aulas, conhecia gente, ficava, fazia sexo, mas o melhor disso tudo que deixei de usar drogas. Depois de todo prazer que o momento me proporciona, sempre me sentia vazio no final, sempre chorava, me arrependia de algo que até hoje não sei explicar. Com isso resolvi ficar sozinho e repensar minha vida, o tempo foi se passando e os trabalhos acadêmicos acontecendo, estudos, leituras, interação com pessoas de mundo totalmente diferente do meio que andava, pude perceber a diferença. **Não me arrependo não, mas se hoje pudesse faria diferente**. Ao sair depois da aula fui ao um barzinho onde aconteceria um aniversário de uma amiga de Y, fomos, bebemos, dançamos e na hora de ir para casa nos perdemos e eu não tinha dinheiro para pegar um taxi para ir para casa, foi então que precisava pensar rápido, quando olhei para o lado vi um cara negro, alto, malhado, careca com uma camisa regata cinza e a chave do carro gritando na cintura. Não pensei duas vezes, já que ele me olhou a festa toda vai me levar para casa. Dei um sorriso de canto de boca e ele se aproximou. Apresentou-se com uma voz **bem máscula** disse-me seu nome. W. Eu todo tímido disse o meu e começamos a conversar, não sabia que esse cara mudaria toda minha vida. Ele me levou para casa, e no dia seguinte me ligou para saber como eu estava. Com isso me convidou para ir ao cinema e no mesmo meio do cinema no meu ouvido me perguntou: Quer namorar comigo? Eu, sem saber o que dizer aceitei. Começamos a namorar e minha vida mudou completamente. Começamos a namorar e depois de algum tempo levei a minha casa como um



amigo, mas, sua presença constante em minha casa deixou claro que não era apenas um amigo. Com isso, **minha família aceitou e ficamos felizes**. Mas, todo o problema estava por vir. Meu atual namorado tinha um relacionamento de dez anos, onde vivi momentos de terror com esse ex-namorado dele. Ao saber que na conseguiria me separar dele o ex de nome Z, se aproximou de meu amigo Y, começaram a namorar e meu amigo apaixonado contou tudo que já tínhamos aprontado a Z, onde o mesmo gravou a conversa e mostrou a meu Namorado, Neste período minha vida desmoronou, meu namorado me tinha como o namorado Ideal e descobriu que até droga já havia usado. **Minha vida acadêmica estava péssima, pensei por diversas vezes desistir do curso, ate suicídio pensei**. Com isso deixei de falar com Y o cara que eu tinha como meu amigo irmão, passava na rua e não olhava na cara dele, tinha em mente que ele não tinha o direito de fazer isso comigo. Ele não podia contar nossas loucuras para ninguém, até por que eram coisa nossa, nossos momentos de adolescente, de descobertas, meu namorado não terminou comigo mas, nada era mais como antes. Fiquei muito tempo sem ver Y e ao encontrar um amigo incomum descobri que Z e Y jaó não estavam mais juntos, tinham terminado, Mesmo assim não quis conta com ele. Certo dia estava trabalhando no Shopping e Y passou por mim e pegou no meu braço. E pedi que me soltasse e sair. Não quis conversa. Depois de algumas semanas estava dormindo e recebi uma mensagem de B, nosso amigo incomum. Dizia assim: Ligue-me Urgente! Prontamente liguei. Quando ele atendeu sem conseguir falar ele me diz: Y morreu. Naquele momento me passou tanta coisa na cabeça e sentei no chão do quarto e comecei a gritar, fiquei ali por quase uma hora chorando. Minha maior dor foi em pensar que ele tentou me pedir desculpas e eu não aceitei por um orgulho tolo e imaturo. Com isso não consigo nem me lembrar dele que me vem todos nossos momentos juntos. **Escrevo este memorial as lágrimas rolam desesperadamente**. Peço por ele em todas minhas orações. Mais uma vez poderia ter feito diferente e não fiz. Com isso o tempo se passou meu namorado esqueceu o passado. **Essa não foi minha única perda durante meu período de graduação. Tinha uma amiga chamada KL, essa era algo de mim**. Uma amiga mãe, foi ela que primeiro me levou no shopping, na praia e a roubar chocolate nas lojas Americanas. Conversávamos de tudo, **ela sempre me diz que eu era gay, e eu me chateava sempre**. Adoramos passar será vermelha no chão da casa dela, e depois ficar com um pano dando brilho... Era muito divertido. Só que a mãe dela era usuária de maconha, e com isso fui obrigado a me separar dela, meus pais já não deixavam eu ficar na casa dela. **Com passar do tempo mais preciso ano passado ela veio a falecer, e no laudo deu overdose, confesso que fiquei surpreso até então sabia que ela era só usuária de maconha. Fiquei muito triste e mais uma vez pensei em trancar o semestre da faculdade**, eram nestas fazes de minha vida que minha amizade com HE mais conhecida por GD se fortalecia. Então mais uma vez superei. Tornamos-nos amigos, mais que amigos, cada loucura minha ela sabia, e cada loucura dela eu sei. Eu nunca fui o tipo fiel, amo meu namorado, mas não nasci para casar, HE diz que sou volúvel, de fato sou mesmo. Tenho um carinho especial por C, mas, ela é muito estressada. Brigamos todos os semestres, todos mesmo. Na faculdade conheci





peessoas que levarei para sempre, H, L, WB, BC, C, CR, U,T etc... Pessoas que marcaram minha vida. Adoro sentar com H e contar minhas aventuras, minhas loucuras que já fiz nos corredores da faculdade, dos foras nas meninas que dei e que foram muitos por sinal. Apaixonei-me pelo meu professor, BC. Não faz meu estilo de homem, mas a inteligência dele me encantava, adorava o ver falando, dando aula, era um charme só. Confesso que tive coragem e me declarei para ele. Tomei um fora! Mesmo assim continuei o meu amor pelo meu professor, com passar do tempo, percebi que não era amor, e sim algo que desejava como sempre fui mimando e sempre tive tudo o que queria. Na minha cabeça poderia conseguir. Com decorrer do semestre isso foi acabando até chegar o ponto que percebi que já não tinha mais vontade de ficar com ele. Confesso também que acredito que ele goste, mas... Semestre passado me deparei no corredor com um professor de outro curso, trocamos olhares, e sempre que passava por mim ele me cumprimentava e ao entrar na sala ele olhava para trás. Não acha ele bonito mas só em ás meninas ficarem louca pelo professor charmoso e estilizo e queria ele para mim. Sempre gostei de status, ficamos trocando olhares por quase um mês, até que um dia tomei atitude e fui à sala dos professores me passei por um aluno do curso e pedi o e-mail dele. Mandeí um e-mail para ele me passando por aluno, para ver se no roda pé do e-mail tinha o telefone dele. Ele respondeu e Sem sucesso. Não tinha! Então me identifiquei e disse algo que o fizesse lembrar quem eu era. Lembrou, trocamos telefones, saímos, fomos tomar chá, continuamos saindo e até o dia que fomos almoçar na casa dele, chegando lá ficamos, namoramos. Mas não bateu a química. No caso, de minha parte. Mesmo assim precisava ficar com ele. Ele era bonito e era um professor de minha faculdade. Chegou um tempo que não deu mais já não sabia administrar ele e meu namorado. Ele me pediu em namoro, e eu não aceitei. Imagine um professor Doutor de uma instituição pública de renome [...] tomando um fora de um aluno graduando? Foi demais para ele. Ele hoje passar por mim e nem me olha, encontrei-o no cinema certa vez e perguntei o porquê dele não falar comigo. Ele me respondeu. Você tem noção o quanto você me fez chorar? O quando você me fez sofrer? Depois que fui refletir a besteira que fiz. Mais uma vez brinquei com o sentimento de alguém. Como já fiz isso... Minha vida depois da faculdade mudou, cresci por demais, isso me ajudou a ver o mundo como ele realmente é, hoje posso dizer que estou muito mais preparado para os obstáculos que sei que encontrarei no caminho. Às vezes acho que sou louco, mas me divirto com isso. Hoje sou feliz, vivo bem, **praticamente casado**. Mas não deixo de fazer nada do que eu quero por nada nem por ninguém. **Se for parar para contar minha trajetória de vida de quando iniciei o semestre até hoje daria um livro. Minha academia me mudou e me fez uma nova pessoa, um novo homem e uma nova história. Fiz um breve resumo de tudo. [...]** (*grifo nosso*).

*Para chegar ao fim ...Considerações em aberto*



Por todo o exposto ao longo do texto pode-se notar a riqueza de possibilidades e a potência que existe em se trabalhar com autoformação, elegendo a (auto) biografia e em especial os memoriais, independente do tema ou temas que sejam eleitos para desenvolver tal trabalho. A co-responsabilidade assumida entre o mediador e o sujeito que aceita tal “empreitada” é de fundamental importância. O sujeito-autor torna-se responsável pela condução de sua história e a contação da mesma. Josso (2004) denominará de “Caminhar para si ... Caminhando com ...”. Será sempre o sujeito-autor que elegerá o que publicizar e o que não revelar. Será ele, inevitavelmente o responsável pela edição e tecerá a “figura pública de si”, conforme saliente Passeggi (2008). A grande tarefa de atribuir sentido e significado ao vivido é, predominantemente, dele, a autoridade (FOUCAULT, 2001) maior do texto confeccionado e compartilhado. Por onde começar? O que enfatizar? O que silenciar? São questões de fundamental importância em tal escrita e de inteira responsabilidade do sujeito-autor.

O que se desejou investigar, também, com essa comunicação foi se há, realmente, uma “capacidade regenerativa” no ato de lembrar e escrever memórias? Há uma possibilidade, mais do que latente de (re) compor-se? (re) fazer-se? De empoderar-se? Tomar as próprias “rédeas” da sua vida e da construção e em muitos casos da (re) construção da sua história, como defendem os que estudam a temática? Se todas essas indagações procedem e apontam para respostas afirmativas, indaga-se: “Qual o efeito da escrita do memorial sobre quem escreve?” (PASSEGGI, 2008, p. 40). Favorece ao sujeito-autor assumir-se como autor de sua história e a responsabilizar-se por ela? Como esses saberes **in**-corporados poderão auxiliar-nos na efetivação de uma construção identitária que leve a processos de autorrealização e mais condizente com o que efetivamente somos?

A proposta ora apresentada foi a de construção, solidificação e efetivação de um ambiente positivo/inclusivo em que haja o incentivo para que os (as) educandos (as),



TODOS eles (as), imaginem soluções, explorem possibilidades, levantem hipóteses e justifiquem o raciocínio apresentando assim suas próprias conclusões, sobretudo aquelas de ordem identitária, acreditando que o trabalho com leitura e produção de textos pode ser executado a partir de tais desejos e critérios, pois como afirma Medeiros: “Somos o que escrevemos” e “Escrevemos o que somos”.

Quebra-se então com um “formato” e operacionalização da escola geral, uniforme, homogeneizante, com “circuitos” altamente segregadores, onde um único padrão é aceito e respeitado é o masculino e heteronormativo ainda que compulsoriamente como afirma Rich (1980), procurando silenciar, deturpar e/ou negligenciar toda a rica e múltipla diversidade existente em tal contexto. Sendo a educação um direito universal, que todos possam usufruir desse direito e que todos possam, independente da cor da pele, religião, orientação sexual, dentre outros “critérios” possam desenvolver ao máximo suas potencialidades, rumo à autorrealização. Eis o dignificante do trabalho ora apresentado. Trazer para o cenário acadêmico histórias de vida de educandos (as), eis o desafio a que nos propusemos. Quem sabe a Academia, os (as) educadores (as) e educandos (as) que dela fazem parte não se inspirem e busquem a efetivação da construção de novos tempos? Oxalá tenhamos conseguido esboçar tal intento e que de alguma forma, concreta, real, auxiliemos na operação de mudanças de mentalidades, que culminem, necessariamente, em mudanças de atitudes e possamos construir, quiçá, uma educação que traga amor, vida e não morte a crianças e adolescentes, principalmente aqueles que não se inserem ao modelo ideal criado e manipulado pela classe dita e tida como hegemônica.

## REFERÊNCIAS:



- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Prefácio. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.) **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008. p. 9-13.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: Estudos sobre homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992, 195p.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p.264-298.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais. **Presença Pedagógica**. V. 6 n. 31 jan/fev 2000. p. 17-27.
- MACHADO, Ana Maria. Pânico numa folha em branco. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKZENAS, Paulo. **Tecendo o conhecimento: teoria, método e linguagem em ciência e pesquisa**. São Paulo: Papyrus, s/d.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.) **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.
- PASSEGI, Maria da Conceição. Memoriais: Injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia**: Formação, território e saberes. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p.103-131.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.